Como Salvar Darfur

As Analogias Sedutoras e os Limites da Coerção com o Uso de Potência Aérea no Sudão

TenCel Timothy Cullen, USAF

NÃO IMPORTA O critério de avaliação usado, a crise humanitária em Darfur é uma tragédia. Uma rebelião inesperada nos remotos estados de Darfur em 2003 compeliu o governo sudanês em Kartum a iniciar campanha contra-insurgência brutal, destruindo milhares de vilarejos e matando seus habitantes, entre eles grande número de mulheres e crianças.[1] Cerca de 2,7 milhões de pessoas, ainda hoje, "deslocados de guerra" dentro do próprio país, com outras 250.000 mal subsistindo em campos de refugiados no outro lado da fronteira, em Tchad. Isso em região de mais de 6 milhões de habitantes.[2] Milhares de trabalhadores humanitários arriscam sequestro e agressão de assaltantes armados, a fim de tratar e alimentar aqueles afetados pelo conflito.[3]

Embora o nível de violência tenha declinado drasticamente desde 2004, as investidas aos povoados de Darfur pela milícia *janjawiid* e forças do governo, continuam. As campanhas na região foram, em especial, brutais, com o governo usando helicópteros armados e aeronaves de carga *Antonov* para aterrorizar a população civil com projéteis e "bombas tambor" repletas de explosivos e fragmentos de metal.[4] As atrocidades e táticas do governo sudanês receberam considerável atenção da mídia, organizações humanitárias e uma pletora de celebridades de Hollywood. Entretanto, a comunidade internacional continua enfocada em diplomacia e não em ações decisivas.[5] Vários líderes comunitários em al-Fashir, a capital do Darfur do Norte, apertaram a mão de dezenas de líderes de nações mas, ainda assim, a Organização das Nações Unidas (ONU) batalha, a fim de providenciar 50% das 26.000 pessoas já autorizadas para manter a paz e prosseguir à região em conflito.[6]

Os métodos principais usados pela administração Bush para confrontar o presidente do Sudão, Omar Hassan al-Bashir, foram sanções unilaterais e diplomacia dinâmica. Entretanto, o envolvimento americano pode escalar, devido a eleição de Barack Obama ao poder. Reiterando as palavras do ex-Presidente George W. Bush, o Presidente Obama denominou as ações do governo sudanês em Darfur de "genocídio", adicionando porém, que os Estados Unidos iriam demarcar uma "zona de voo interditado" para a região.[7] Os membros da antiga administração Clinton e assessores de diretrizes de política exterior para a campanha de Obama equipararam as ações de al-Bashir às do ex-Presidente da Iugoslávia, Slobodan Milosevic. A embaixadora dos Estados Unidos na ONU em 2006, Susan Rice, alegou que a recusa de al-Bashir em aceitar o grupo de pessoal escalado para manter a paz, clamava pela destruição de sua força aérea, comparando a campanha aérea proposta à vitória em Kosovo de 1999.[8]

De fato, uma coalizão de países da OTAN estabeleceram zonas de voo interditado e levaram a cabo ataques aéreos para fins de operações humanitárias em Bosnia-Herzegovina e Kosovo. Contudo, será que se pode fazer uma analogia entre aquele conflito e a presente situação em Darfur? Como as campanhas aéreas nas antigas repúblicas da Iugoslávia orientariam a estratégia da nova administração em Darfur? As guerras, especialmente as mais recentes, tipicamente dominam a mente dos líderes políticos.[9]

O propósito desta análise é examinar as intervenções humanitárias americanas mais recentes, onde zonas de voo interditado facilitaram operações de manutenção de paz e exploraram como podem duplicar o curso de

Figura 1. Reimpressa de http://www.un.org/Depts/Cartographic/map/profile/sudan.pdf

atividades, teorias de sucesso e possíveis opções de diretrizes para Darfur.

Após breve introdução da história da crise em Darfur e a função de analogias, a potência aérea e coerção em intervenções humanitárias, este artigo compara as suposições, similaridades e diferenças entre o conflito atual e as três operações humanitárias similares dos anos 90: a operação *Provide Comfort* no Iraque Setentrional, *Deny Flight* em Bosnia-Herzegovina e *Allied Force* em Kosovo.

As ações de al-Bashir de 2003 a 2004, embora não dissimilares às atrocidades perpetradas por Saddam Hussein e Slobodan Milosevic, são verdadeiramente horrendas. Contudo, a menos que haja imenso desvio na natureza do conflito sudanês e no panorama geopolítico total, é improvável que uma zona de voo interditado e ataques aéreos consigam impor justiça ou alcançar a reação desejada pela administração Obama. Muito pelo contrário, as ações militares sob as presentes condições, provavelmente aumentarão o nível de catástrofe humana de forma drástica na região e envolverão os Estados Unidos em conflito do qual dificilmente poderão sair.

A Crise de Darfur

A enorme crise política, humanitária e de segurança em Darfur é o resultado complexo de grupos de dissidentes armados provenientes das guerras civis de Tchad, a guerra civil entre Muçulmanos Árabes do Sudão Setentrional e os Cristãos Africanos do Sudão Meridional e conflitos localizados acerca de recursos em declínio, devido a superpopulação e desertificação. A precipitação do conflito ocorreu em abril de 2003, quando uma aliança de movimentos rebeldes islâmicos e tribos africanas levaram a efeito ataques coordenados contra uma base aérea e outros destacamentos militares avançados, em Darfur. Os rebeldes explodiram aeronaves de carga e helicópteros do governo, capturando o comandante da base e executando 200 prisioneiros do exército sudanês, apesar de se haverem rendido.[10] A cronometragem dos ataques foi deliberada e de elevado custo ao governo, predominantemente Árabe-Sudanês, que negociava um acordo de divisão de poder com o movimento de liberação no Sudão Meridional, após duas décadas de guerra civil.

O movimento africano em Darfur esperava adquirir seu justo quinhão da riqueza nacional e segurança, após décadas de seca cíclica, anos de negligência pelo governo central e usurpação violenta de solo agrícola pelos antigos rebeldes de Tchad e pastores árabes.[11]

O governo não conseguiu antecipar a ameaça dos "parentes pobres" que viviam na região ocidental do país. Assim, a repressão da revolta foi brutal e imediata. O regime de al-Bashir não podia depender do exército sudanês para esmagar a insurreição, porque a maioria dos recrutas e oficiais subalternos eram provenientes de Darfur.[12] Assim, o governo fez um pacto com os bandos armados e tribos árabes da região, outorgando às tribos com rebanhos de camelos, o direito de perseguir as ambições territoriais em Darfur em câmbio da supressão da rebelião.[13] De fato, o que aconteceu foi uma campanha de saneamento étnico ou "contra-insurgência barata".[14] De 2003 a 2004, a milícia *janjawiid,* de rotina, cercava e queimava os vilarejos rebeldes, após o bombardeio e metralhagem cerrada dos habitantes, de aeronaves sudanesas. Durante o processo de *desocupação* dos povoados, os membros das milícias violavam jovens e mulheres, matavam o gado, atirando os pequeninos dentro das casas envoltas em chamas.[15]

As organizações não-governamentais (ONGs) e a comunidade internacional reagiram com horror às atrocidades. Contudo, foi difícil coordenar a reação à erupção de violência. Muitos temiam que o conflito iria interromper as negociações de paz da guerra civil no Sul, que já havia matado mais de dois milhões de pessoas durante as duas décadas anteriores.[16] Os Estados Unidos e os países da OTAN não podiam investir grande número de tropas ou aceitar as baixas e a responsabilidade necessárias para operação combinada na área, devido as guerras com o Iraque e Afeganistão. Assim, a comunidade internacional perseguiu amplas iniciativas diplomáticas para com o regime de al-Bashir, de 2004 a 2007.[17] Os empreendimentos maiores incluiram melhor acesso à organizações humanitárias, orquestrando o

Acordo Compreensivo de Paz *[Comprehensive Peace Agreement-CPA]* de 2005 entre o Sudão Setentrional e o Meridional, negociando o Acordo de Paz de Darfur *[Darfur Peace Agreement]* de 2006 entre o governo e os partidos dissidentes rebeldes, buscando o indiciamento de líderes por crimes de guerra pelo Tribunal Penal Internacional-TPI *[International Criminal Court-ICC]* e destacando as poucas e subequipadas forças da União Africana *[African Union-AU]* juntamente com as forças das Nações Unidas para manter a paz.[18] Devido a mera extensão territorial da região, magnitude do conflito e múltiplos participantes e objetivos, foi difícil colocar em execução estratégia clara e coerente.

As Similaridades da Crise de Darfur às Analogias Predominantes

O conflito em Darfur é problema com o qual os peritos na área, legisladores e organizações humanitárias vêm se debatendo há muitos anos. É difícil compreender e descrever o contexto subjacente da crise. Gérard Prunier, autor prolífico, historiador e especialista em assuntos da África Oriental, adverte aos leitores em seu livro sobre Darfur de que ali "*nada* faz *sentido*".[19] À medida que o Presidente Obama começa a mudar o enfoque, de questões domésticas à internacionais", a administração tentará *fazer sentido.* Os comentários públicos dos assessores de diretrizes de política exterior sugerem que a administração usará analogias históricas para facilitar a análise do conflito e advogar ação enérgica.[20]

Infelizmente, existem preconceitos identificáveis e sistemáticos para com o uso de analogias históricas.[21] Em muitos casos, as autoridades competentes deixam de analisar conjeturas essenciais, ocultas em analogias históricas e estão dispostas a "entrar em ação" e defender as diretrizes mal-orientadas que as administrações poderiam evitar sob inspeção mais cuidadosa.[22] As operações *Provide Comfort*, *Deny Flight* e *Allied Force* são analogias perigosas e irresistíveis para a crise em pauta, porque as condições possuem muitas similaridades, algumas inerentes à intervenções humanitárias. As campanhas no Iraque Setentrional, Bósnia-Herzegovina e Kosovo, dirigiram-se à injustiças, comuns a muitos conflitos intranacionais na década de 90: a rebelião de povos marginalizados aos quais se negava seu quinhão de poder político e riqueza. Também davam destaque a governos incompetentes que usavam divisões racistas ou étnicas para desunir e suprimir rebeliões, com os Estados Unidos e Aliados, fazendo uso de potência aérea e militar para enfrentar os repressores.[23] A Administração Clinton, em 1997, denominou esse tipo de intervenção humanitária, de "operações complexas de contingência" e especificamente distinguiu as campanhas da Bósnia e Iraque Setentrional de outras ações militares de baixo-nível, como resgate de reféns, missões contraterroristas e intervenções de assistência à desastres naturais.[24]

As Questões Coercivas Comuns

A coerção foi componente principal dessas "operações complexas de contingência". Ainda assim, as características de intervenções humanitárias tornaram difícil a coerção.[25] A coerção é o uso de força, quer seja implícita ou real, a fim de "induzir o adversário a mudar de comportamento".[26] A coerção foi necessária no Iraque Setentrional e Balcãs para dissuadir as forças hostis de destruir as organizações de assistência e compelir governos tirânicos a remover os motivos latentes do conflito. A imposição de interdição de voo, para ser bem sucedida, teria que superar três obstáculos comuns à execução de estratégia de coerção durante as operações humanitárias: baixo interesse estratégico, objetivos divergentes dentro da coalizão e participantes não-estatais.

Baixo Interesse Estratégico

Um dos problemas principais em intervenções militares é que os Estados Unidos possuem pouco ou nenhum interesse estratégico na região, o que resulta em apoio doméstico incerto à possível campanha militar. O Sudão

não mais pousa ameaça terrorista. Antigamente, o governo havia oferecido hospitalidade a Osama bin Laden. Contudo, desde a agressão de 9/11, o regime coopera com as agências secretas e apoia as tentativas de contraterrorismo dos Estados Unidos.[27] O interesse americano em Darfur é predominantemente humanitário e a intervenção no Sudão deve superar o estigma daquela outra experiência de operação humanitária na Somália que resultou em morte de 18 membros das forças armadas. Obrigou a administração a retirar as forças do país dentro de seis meses e afetou a justificativa da administração para intervenções subsequentes nos Balcãs.[28] A obtenção de amplo apoio popular para intervenção em Darfur será difícil, devido a falta de interesse estratégico na região e a probabilidade do alto custo de operações militares.

Os Objetivos da Coalizão em Competição Renhida

Se os Estados Unidos interferirem militarmente, é mais provável que participarão como membros de coalizão para dar legitimidade [à ação], tropas terrestres e doadores necessários para ação militar e apoio humanitário. Enquanto os participantes em operações no Iraque Setentrional e Balcãs eram primariamente provenientes de países da OTAN, as forças de paz em Darfur consistem em soldados enviados pelas nações membros da União Africana e engenheiros de combate da China.[29] A superextensão das forças armadas no Iraque e Afeganistão aumenta o imperativo para a obtenção de amplo apoio internacional em outras operações na região. Os Estados Unidos serão obrigados a administrar interesses e objetivos de possíveis países da coalizão em conflito entre si, para que a campanha venha a ser tão eficaz como a *Provide Comfort* e as outras da OTAN nos Balcãs.

Os Participantes Não-Estatais

A natureza dos combatentes também foi um dos fatores principais nos conflitos dos Balcãs e de especial importância em Darfur. Muitos perpetradores em conflitos intraestatais são participantes não-estatais com conexões imprecisas a governos que talvez sancionem ou não as táticas usadas. Devido a desintegração do exército Iugoslavo, o sistema de governo de Molosevic e líderes políticos recrutaram membros de quadrilhas, desordeiros e criminosos para auxiliar as forças governamentais a providenciar saneamento étnico de comunidades nos Balcãs.[30]

Em Darfur, as milícias *janjawiid* providenciam o mesmo tipo de serviço. A palavra *janjawiid* teve origem nos anos 60. É um termo pejorativo usado para descrever os nômades pobres das tribos árabes.[31] Atualmente, serve para descrever a organização provisória de mais de seis grupos armados distintos que recebem o apoio da agência de serviços secretos das forças militares sudanesas. Poucos estão de acordo acerca da precisa organização da *janjawiid*. É difícil de localizar e identificar, especialmente do ar em uma área do tamanho da França. As restrições ao uso de força durante as operações humanitárias, combinadas aos tênues vínculos entre o governo central e os perpetradores tornam difícil a coerção, até mesmo quando é fácil encontrar os culpados.

Os Mecanismos Coercivos Comuns

Uma estratégia eficaz em operações humanitárias requer mecanismos coercivos ou processos pelos quais ameaças geram concessões pelo adversário.[32] Normalmente incluem a erosão da base de poder do governo em pauta, criando agitação dentro da população, decapitando os líderes do regime, debilitando a força do país como um todo e negando ao adversário a habilidade de alcançar os objetivos. Contudo, os obstáculos que causam as operações humanitárias invalidam muitas das opções acima. As campanhas nos Balcãs e Iraque Setentrional utilizaram duas delas, com bons resultados: interdição e erosão da base de poder. Ambas podem desempenhar função importante para fazer cumprir a zona de voo interditado no Sudão.

A Interdição

A interdição significa anular a estratégia do adversário, reduzindo sua capacidade de alcançar os objetivos. Certas estratégias de interdição "negam a estratégia inimiga, quando apreendem e mantêm posse de objetivos territoriais, forçando concessões para evitar gasto fútil de maiores recursos."[33]

Esse foi o caso da operação *Deny Flight*, que tentou impedir aos Sérvios da Bósnia a capacidade de aterrorizar e conquistar os vilarejos Croatas e Muçulmanos, durante a guerra. Após a eleição em que os Muçulmanos e Croatas votaram pela separação da Federação da Iugoslávia em 1992, os Sérvios-Bósnia irregulares atacaram os povoados Croatas e Muçulmanos com apoio da força aérea da Iugoslávia.[34] Os Sérvios esperavam forçar a população civil Muçulmana e Croata a evacuar o território controlado pelos Sérvios e estabelecer a República Sérvia de Bósnia. A operação *Deny Flight* estabeleceu uma zona de voo interditado sobre o campo de batalha para evitar que os Sérvios usassem os caças para ataque terrestre e helicópteros armados para apoiar a campanha de saneamento étnico. O Sudão também possui caças, bombardeiros e helicópteros armados. Em maio de 2008 o governo sudanês utilizou um bombardeiro *Antonov* de tamanho médio para atacar um vilarejo em Darfur do Norte.[35] Uma sólida zona de voo interditado sobre Darfur preveniria tais ataques e faria cumprir a resolução do Conselho de Segurança das Nações Unidas de 2005 que proíbe "voos militares ofensivos em e sobre a região de Darfur."[36]

A Erosão da Base de Poder

É o outro mecanismo comum usado pelos Estados Unidos e Aliados no Iraque Setentrional e Balcãs. Tenta suprimir o controle e liderança de regimes, atacando a elite política e cliques que os apoiam.[37]

Durante a operação *Provide Comfort*, Saddam Hussein era extremamente sensível a ataques aéreos contra alvos importantíssimos em Bagdá. A coalizão mantinha um esquadrão de aeronaves de longo alcance na Turquia para servir de ameaça crível ao regime.[38]

Durante a operação *Allied Force*, a OTAN atacou indústrias relacionadas às forças armadas, serviços de utilidade pública e outros alvos em Belgrado, a fim de instigar a insatisfação para com a elite governamental e corroer o apoio popular a Milosevic. Alguns alegam que a pressão crescente de elites políticas, oligarquia civil e liderança militar contribuiram para que Milosevic cedesse às demandas da OTAN.[39]

Os assessores de Obama sugeriram que ameaças similares poderiam servir de coerção à liderança do Sudão e que "ameaça crível ou uso de força" é a linguagem que Kartum compreende".[40]

Os Instrumentos Comuns de Coerção

Os Estados Unidos possuem inúmeras ferramentas à disposição para dar partida a mecanismos e iniciar o processo pelo qual ameaças geram concessões dos adversários. Os exemplos incluem ataques aéreos, invasão, retaliação nuclear, sanções econômicas, isolamento político e apoio à insurgências.[41] Contudo, o alto custo de muitas fazem com que não se prestem à operações humanitárias. As estratégias para as operações *Provide Comfort, Deny Flight e Allied Force* basearam-se principalmente em três: potência aérea, sanções econômicas e isolamento político.

A Potência Aérea

Os instrumentos militares comuns para operações humanitárias norte-americanas são zonas de voo interditado e ataques aéreos, em virtude de flexibilidade e custo relativamente baixo. Como observou Eliot Cohen, "A potência aérea é uma forma de força militar de apelo fora do normal porque, como em namoro moderno, aparenta oferecer gratificação sem compromisso".[42] Os ataques aéreos norte-americanos, inclusive durante os conflitos do Iraque Setentrional e Balcãs, raramente resultam em baixas devido a fogo amigo. A

campanha aérea para a operação *Allied Force* durou 78 dias e nem sequer uma baixa em campo de batalha. A potência aérea também contribui à interdição e estratégia de redução de base de poder e possui a habilidade de expandir ou contrair o nível de destruição para se encaixar às demandas daquele que coage. Uma vez que a potência aérea é barata, flexível e aparentemente oferece bons resultados, os ataques aéreos passam a ser a forma de intimidação normal dos Estados Unidos.

Os antigos assessores de Clinton, Susan Rice e Anthony Lake, citam o ataque do míssil de cruzeiro de 1998 em Kartum como o motivo principal pelo qual o regime de al-Bashir coopera com os Estados Unidos em contra-terrorismo.[43] A potência aérea é componente atraente de muitas analogias para a crise de Darfur, em virtude do fato de que é eficaz e de fácil uso.

As Sanções Econômicas e o Isolamento Político

As forças aéreas de coalizão no Iraque Setentrional e Balcãs não operam independentemente de outros instrumentos de coerção. As sanções e medidas diplomáticas reforçaram a ameaça aérea, impondo custos e negando benefícios aos regimes de Saddam e Milosevic. Um embargo econômico compreensivo do Iraque e uma coalizão internacional de países que incluiu nações árabes, completamente isolaram Saddam durante a operação *Provide Comfort.* [44] A ONU outorgou uma série de sanções econômicas contra a Bósnia e a Sérvia durante os conflitos nos Balcãs. O Tribunal Penal Internacional *[International Criminal Tribunal]* convocado para a antiga Iugoslávia indiciou Sérvios de alto nível da Bósnia e também Milosevic, durante as respectivas campanhas aéreas em Bósnia e Kosovo.[45]

A potência aérea no Sudão também irá operar dentro do contexto de sanções econômicas e indiciações pelo TPI, se implementadas para Darfur. Em 1993, os Estados Unidos indicaram o Sudão como nação que patrocina terrorismo, o que sujeita o país à restrições de assistência estrangeira. As Resoluções do Conselho de Segurança da ONU *[UN Security Council Resolutions-UNSCR]* 1556 e 1591 proibem a transferência de armas ao governo do Sudão em Darfur, bem como aos rebeldes na área.[46] A *UNSCR 1672* dirige-se à sanções contra quatro indivíduos: dois líderes rebeldes e dois representantes do governo Sudanês.[47]

O Presidente Bush, em 2007, expandiu as sanções impostas pela Administração Clinton em 1997. Ambos os regimes exerceram restrições unilaterais em importação e exportação, limitaram transações financeiras para, e do Sudão e congelaram os bens do governo Sudanês. O TPI também indiciou diversos antagonistas de nível médio no conflito, devido a genocídio. Recentemente, expediram ordem de prisão contra al-Bashir por crimes de guerra e delitos contra a humanidade.[48] Qualquer que seja a ação militar ela deve operar em conjunto com uma miríade de medidas econômicas e diplomáticas, a fim de tentar coagir o governo sudanês.

As Diferenças da Crise de Darfur com as Analogias Predominantes

As similaridades superficiais entre a operação *Provide Comfort* e os conflitos nos Balcãs e Darfur sugerem soluções de possível potência aérea, perspectivas de êxito e dificuldades esperadas. Contudo, "na maioria dos casos, as autoridades competentes invocam analogias inapropriadas, que não só deixam de lançar luz sobre a situação, mas também desorientam, ao colocar ênfase em paralelos irrelevantes e superficiais".[49] O restante deste artigo antecipa paralelos irrelevantes entre os conflitos análogos e a crise de Darfur, examinando as suposições essenciais que a apoiam.

A Operação *Provide Comfort*

Essa foi uma das mais bem sucedidas operações humanitárias na história. Após a Guerra do Iraque, uma revolta dos Kurdos e subsequente repressão pelo governo, arremessaram mais de 400.000 refugiados às montanhas ao longo da fronteira Turquia-Iraque.[50]

	Sinopse do Conflito	Suposições Principais	Semelhanças à Intervenção Militar em Darfur	Diferenças do Conflito em Darfur
A Operação *Provide Comfort* (Iraque)	Ampla coalizão de nações defenderam os refugiados Kurdos de forças iraquianas e auxiliaram seu regresso seguro ao Kurdistão.	Operação similar auxiliaria os refugiados de Darfur no Tchad.	As coalizões internacionais confrontaram governos incompetentes que usavam identidade racista, étnica para dividir, controlar e oprimir a população.	O retorno de refugiados do Darfur não é de vital interesse aos E.U.A. e Aliados. A comunidade internacional não demonstrou desejo ou capacidade de aplicar força de forma eficaz no Sudão.
A Operação *Deny Flight* (Bósnia)	Sanções econômicas, indiciamentos jurídicos e ataques aéreos cronometrados às ofensivas terrestres muçulmanas e croatas, forçaram Milosevich a negociar com a OTAN.	Ataques aéreos e indiciamentos oportunos apoiam negociações para cessar fogo em Darfur	Baixo interesse estratégico, objetivos opostos da coalizão e protagonistas não-estatais elusivos pousavam grandes problemas para a coerção dos governos em pauta As coalizões usavam dois mecanismos de coerção: denegação e erosão da base de poder. As coalizões usavam três instrumentos coercivos: potência aérea, sanções econômicas e isolamento político.	O objetivo dos habitantes de Darfur não é a independência mas proteção física, acesso politico e maior quinhão da riqueza nacional. As inquietudes relacionadas ao conflito de Darfur estão subordinadas à resolução da guerra civil entre o Norte e o Sul.
A *Operação Allied Force* (Kosovo)	Embora sem sofrer baixas em combate, enorme operação aérea forçou Milosevic a retirar as forças Sérvias de Kosovo.	A potência aérea pode extrair concessões com baixo custo e sem forte comprometimento de forças terrestres.		O Sudão não possui economia industrial avançada sensível a ataques aéreos. O Sudão em 2009 não está tão politicamento isolado como a Sérvia nos anos 90.

Figura 2. Similaridades e Diferenças entre Darfur e operações humanitárias análogas

As forças da coalizão, em reação, defenderam com êxito os refugiados Kurdos das forças do Iraque, auxiliaram seu retorno à zona segura no Iraque Setentrional e transportaram quantidades enormes de suprimentos humanitários à região. Uma suposição essencial emerge dessa campanha: uma operação similar poderia auxiliar os refugiados de Darfur no Tchad e "salvar a vida de africanos". Entretanto, as circuntâncias ao redor da operação *Provide Comfort* foram excepcionais e os Estados Unidos verão que será difícil recriar duas condições que tornaram o regresso de refugiados Kurdos ao Iraque um sucesso: forte interesse estratégico para solucionar a crise de refugiados e a capacidade demonstrada de uso de força na região.

As Diferenças em Interesses Internacionais

Contrário a Darfur, o regresso de refugiados à sua terra natal, o Iraque, foi de vital in-

http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm Contactar o Editor

teresse aos Estados Unidos e principais Aliados. Os Kurdos fazem parte de grande minoria de descontentos na Turquia e o influxo de centenas de milhares desses refugiados pousava grande ameaça à segurança. A Turquia publicamente convidou os Aliados a intervir e também fechou as fronteiras, encurralando os refugiados nas montanhas no meio do Inverno.[51] Um mês antes, o Presidente George H. W. Bush havia incitado o povo iraquiano a "tomar as rédeas da situação" e a "forçar Saddam Hussein, o ditador, a retirar-se."[52] Contudo, o apoio material dos Estados Unidos à subsequente rebelião não ocorreu e as forças armadas iraquianas esmagaram os guerrilheiros Kurdos com a ajuda de helicópteros armados e bombardeiros caças, em desafio à *UNSCR 686*.[53] As necessidades de segurança de aliado importante e imagens publicadas pela mídia do sofrimento dos Kurdos compeliram a administração a reagir, lançando suprimentos de aviões, somente sete dias após o início da crise. Dentro de semanas, as forças de coalizão estabeleceram uma zona de segurança na porção norte do Iraque. Dentro de sete semanas, a operação humanitária completamente repatriou os Kurdos da região da fronteira Turca.[54]

Em contraste, as justificativas para intervenção em Darfur são quase completamente humanitárias. Os 250.000 refugiados na fronteira com Tchad somente pousam ameaça à segurança da região em si e a cobertura do padecimento humano pela mídia é pouca. Noventa por cento das fatalidades em Darfur ocorreram entre 2003 e 2004. As notícias do genocídio quase que desapareceram após a assinatura do *CPA* pelo Sudão Setentrional e Meridional em janeiro de 2005, pondo um fim aos 21 anos de guerra civil.[55] Houve um surto de cobertura pela mídia antes das Olimpíadas de Verão em Beijing e as eleições presidenciais de 2008. Contudo, o enfoque da cobertura mais recente foi o indiciamento iminente de al-Bashir pelo TPI.[56] A população dos campos de refugiados estabilizou-se. Entretanto, a segurança associada aos mesmos, continua sendo um problema. Desde janeiro de 2008 os bandidos e agressores mataram 11 trabalhadores humanitários, sequestraram 170 membros de pessoal e 225 veículos em Darfur.[57] Apesar da violência, as potências principais não se comprometeram com recursos militares para manter a segurança dos refugiados e do pessoal humanitário na região.

Talvez o apoio sem brilho de um milhão de refugiados Kurdos que escaparam da Turquia, rumo ao Irã esclareça mais a situação. O Irã recebeu somente um pouco mais da metade da assistência internacional total para esses refugiados, apesar de proteger um número quase o triplo do da Turquia.[58]

As Diferenças em Credibilidade

O regime de Saddam não conseguiu colocar obstáculos à volta dos refugiados Kurdos. A operação *Provide Comfort* manteve-se firme e os Estados Unidos e Aliados demonstraram de forma crível a "capacidade e disposição do uso de força".[59] A operação teve início somente dois meses após a operação *Desert Storm*, com sua campanha aérea devastadora, mutilando as forças de Saddam. Muitas das armas, soldados e procedimentos continuaram a postos para fazer frente ao regime. As forças terrestres também estavam disponíveis para distribuir suprimentos, providenciar segurança e expandir a zona segura para o eventual regresso dos refugiados Kurdos. Os Estados Unidos inseriram 5.000 tropas na região e o comandante da força-tarefa combinada, o Major-Brigadeiro John Shalikashvili encontrou-se pessoalmente com os representantes militares iraquianos que se encontravam a postos ao longo da fronteira do Iraque Setentrional para ditar os termos da intervenção e a extensão da zona de segurança.[60] Um dia após a reunião, os Fuzileiros Navais em terra, direcionaram ataques aéreos simulados contra posições iraquianas, forçando o abandono da área.[61] As aeronaves da OTAN e 2.500 tropas em alerta no sudeste da Turquia também serviram de dissuasão, quando as agências da ONU e ONGs assumiram responsabilidade pela distribuição de assistência humanitária.[62] A fragilidade das forças armadas iraquianas e a integração crível das forças aéreas e de superfície, americanas e aliadas, contra inimigo convencional foram essenciais ao sucesso da operação.

A história de intervenção militar e coerção em Darfur não inclui capacidade e resolução em utilização de força, especialmente contra uma miríade de participantes não-estatais. A ONU autorizou o uso de forças de paz duas vezes durante a crise de Darfur. Uma resolução do Conselho de Segurança de junho de 2004 deu origem à Missão *AU* no Sudão *(AMIS)*, uma força de 7.500 soldados e polícia das nações africanas, cuja função era monitorar um acordo verbal de cessar-fogo, a fim de "providenciar ambiente seguro e protegido ao regresso de pessoas deslocadas dentro do país e refugiados".[63] Infelizmente, o mandato da missão, regras de engajamento e número [de tropas] foram completamente inadequados para completar a tarefa. A missão, subfinanciada e com poucos recursos nem podia confrontar os rebeldes que bloqueavam as estradas, para tentar proteger os 34 campos de refugiados, alguns deles com mais de 120.000 ocupantes, em área do tamanho da França. A ONU aprovou uma segunda força de paz "híbrida" composta de 20.600 forças da *AU* e ONU em agosto de 2006, a fim de incrementar o número de tropas na *AMIS,* dotando-a com mandato mais potente. Contudo, o destacamento notou que era até mesmo difícil garantir sua própria proteção.[64] As forças da AU ficaram sem munição em setembro de 2007, quando centenas de rebeldes invadiram sua base ao leste de Darfur, apoderando-se de toneladas de suprimentos e armamento pesado.[65] Para que soluções militares futuras contem com êxito na região, devem superar o pessimismo gerado por anos de má vontade pela comunidade internacional de ir além de manter a paz de forma neutra, providenciando a mediação no Sudão.

A Operação Voo Interditado

As operações de paz em Bósnia também enfrentaram problemas de falta de credibilidade. Contudo, os Estados Unidos e a OTAN superaram a falta de potência da operação *Deny Flight* com a *Deliberate Force.*

A agressão sérvia e o apoio à campanha de saneamento étnico pelos Sérvios da Bósnia com início no Verão de 1992, inspiraram a OTAN a impor sanções compreensivas contra a Sérvia, a destacar pessoal para manter a paz e a fazer com que a OTAN fizesse cumprir uma zona de voo interditado dentro do espaço aéreo da Bósnia.[66] O uso de força, contudo, mesmo para defender as tropas de manutenção de paz da ONU foi "altamente circunscrito" durante a operação *Deny Flight* e, os Sérvios da Bósnia, aproveitaram a indecisão da ONU para ganhar território e aterrorizar a população civil.[67] A queda de Sbrenica, a área segura muçulmana, o uso de reféns da ONU para dissuadir represálias pela OTAN e a possibilidade da ONU bater em retirada da Bósnia, levou os Estados Unidos a liderar e escalar a campanha aérea contra os Sérvios, de agosto a dezembro de 1995.[68] O suprimento secreto dos Muçulmanos da Bósnia e os ataques aéreos estrategicamente cronometrados com as ofensivas de superfície croatas alteraram o equilíbrio [de posse] de território na região. As perdas de território e o prospecto de remoção de sanções forçaram Milosevic a negociar termos para por fim ao conflito.[69] O indiciamento de Radovan Karadzic e Ratko Mladic por delitos de guerra também possibilitaram ao emissário diplomático americano isolar os obstrucionistas sérvios das negociações de cessar-fogo. Isso possibilitou aos americanos a negociar e empregar os acordos de paz de Dayton.[70]

Uma suposição essencial que emerge das operações *Deny Flight* e *Deliberate Force* é que ataques aéreos oportunos e o indiciamento de criminosos de guerra facilitam negociações e a formulação de acordos de cessar-fogo viáveis.

Se os Estados Unidos usarem estratégia similar contra o governo sudanês, duas diferenças no conflito de Darfur tornam tal generalização improvável. Os habitantes de Darfur buscam garantias de segurança e maior quinhão da riqueza nacional e não a independência do Grande Sudão. Por outro lado, aquele que exerce a coerção deve adicionar à equação, estratégia de paz em Darfur, o conflito entre o Norte e o Sul, possivelmente ainda mais desestabilizador.

http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm Contactar o Editor

As Dissimilaridades em Objetivos

A independência foi um dos objetivos de interesse de ambos os lados no conflito de Bósnia. A maioria parlamentar de delegados muçulmanos e croatas seguiu o exemplo da Eslovênia e Croácia e votou pela independência da Iugoslávia, no dia 1º de março de 1992. Os Sérvios rejeitaram o referendo e, temendo subjugação pelos Muçulmanos e Croatas, colocaram em execução o plano de contingência de auto-determinação e separatismo.[71]

A expansão de limites regionais e o controle de território tornaram-se os objetivos principais dos três grupos beligerantes. Os Estados Unidos e Aliados conseguiram coagir os Sérvios a aceitar os termos dos acordos de Dayton, porque as ofensivas aéreas e terrestres combinadas proibiam o alcance do objetivo. Os efeitos de sanções econômicas e indiciamentos pelo TPI também isolaram os Sérvios de sua fonte principal de potência militar, a Sérvia e, compeliram Milosevic a agir como terceira parte coercitiva.[72] Os objetivos de independência e o controle de território foram aspectos importantes na dinâmica de coerção durante a guerra da Bósnia.

O objetivo dos habitantes de Darfur não é a independência mas sim, a proteção física, acesso político e maior quinhão da riqueza nacional. A rebelião é reação à negligência do governo sudanês, que deixou de garantir a segurança dos habitantes contra o violento abuso de tribos árabes, mesmo antes do apoio tácito da *janjawiid* pelo governo.[73] Tal negligência e "a hegemonia das elites nortistas e centrais, a fim de manter Darfur e outras regiões periféricas marginalizadas" formam o âmago do ressentimento popular.[74]

Darfur, sem acesso ao mar e super-povoado, possui poucos recursos naturais e não pode sobreviver como país independente sem considerável assistência.

Certas pessoas alegam que a região é mais pobre hoje do que no final de 1800, devido a anos de sequia e pasto que não mais existe.[75] Os Árabes, os soberanos no Sudão Setentrional não favorecem um Darfur independente, porque necessitam da população predominantemente muçulmana do Norte para contrabalançar a população cristã do Sul.

A comunidade internacional teme um Darfur independente, devido a quantidade enorme de assistência e patrocínio necessários para manter a região. A independência não é opção viável aos protagonistas principais no conflito de Darfur. Em última palavra, a sobrevivência dos habitantes depende de cooperação e apoio do governo sudanês, tornando difícil o uso de força para com o regime no poder.

Se os Estados Unidos buscam coagir o regime de al-Bashir por intermédio da potência aérea, o indiciamento pendente do presidente do Sudão por crimes de guerra também é problemático.[76] A ordem de prisão do Tribunal Penal Internacional dá, ao presidente do Sudão, outro incentivo para consolidar o poder e resistir às demandas que remotamente ameacem a estabilidade do regime. Desde o indiciamento pelo tribunal, al-Bashir baniu 13 organizações de assistência que acusa de apoio ao processo internacional contra ele.[77] Recentemente, o chefe de serviços secretos do Sudão, clamou pela "amputação de mãos e corte de guelas" de Sudaneses que apoiam as acusações.[78] Se al-Bashir perder controle ou for apreendido, via operação da ONU, isso resultaria em seu processo penal e humilhação em Haia. O objetivo de al-Bashir é permanecer no poder. A fonte desse poder e influência, o petróleo, não é suscetível à potência aérea.[79] No caso de Darfur, o indiciamento penal pelo TPI entra em conflito com as estratégias de coerção que buscam concessões de al-Bashir e seu governo.

As Diferenças em Prioridades

As questões regionais certamente foram fatores importantes nas negociações para por fim à guerra da Bósnia. Contudo, a resolução daquele conflito continua sendo a prioridade dos Estados Unidos e da comunidade internacional.

Richard Holbrooke, que presidiu as negociações em Dayton, era solidário para com os Albaneses de Kosovo e sua situação difícil, mas acreditava que dirigir-se à questão era

contraproducente para se chegar ao acordo de paz.[80] Admite-se que a ofensiva de 1995 da Croácia em Krajina desempenhou papel importante na estratégia americana para por fim ao conflito. Os ganhos territoriais "fortaleceram a Croácia para servir de equilíbrio estratégico à Servia", auxiliando a OTAN a "forjar uma aliança Croata-Muçulmana para equilíbrio militar contra os Sérvios da Bósnia". Entretanto, os Estados Unidos dirigiram as tentativas de coerção contra a Sérvia para chegar à resolução na Bósnia, não em conflitos satélites na Croácia ou Kosovo.[81]

O conflito de Darfur, por outro lado, ficou historicamente subordinado à guerra civil no Sudão. Apesar da violência e atrocidades em Darfur, a diretriz dos negociadores americanos, britânicos e noruegueses em 2004 era proceder com o *CPA* entre o Sudão Setentrional e Meridional, enquanto a crise de Darfur permanecia sem solução.[82] O acordo de 2005 estabelecia um "sistema confederativo" de dois governos regionais: um na parte norte do Sudão, dominado pelo Partido do Congresso Nacional de al-Bashir e um governo semi-autônomo no Sul controlado pelo Movimento de Liberação Popular do Sudão.[83]

O acordo inclui uma agenda para eleições de partidos múltiplos em 2009 e um referendo acerca da independência sulista em 2011.[84] O acordo também pede a distribuição equitativa de rendas de petróleo do Norte ao Sul, que controla a vasta maioria do território de campos petrolíferos. O ano passado, conflitos ao longo da fronteira e a suspenção de pagamentos de renda de petróleo chegaram quase ao ponto de desencadear guerra em grande escala. Contudo, prevaleceu o frio raciocínio.[85] A intervenção em Darfur, abalando o equilíbrio militar entre o Norte e o Sul do Sudão, resultaria em guerra civil mais renhida com repercussões humanitárias ainda maiores.

Talvez um dos aspectos mais elucidativos do conflito da Bósnia seja como o processo da paz de Dayton e a percepção de negligência pelos Albaneses de Kosovo levaram à violência em Kosovo e à operação *Allied Force.*[86]

As soluções militares para a crise de Darfur arriscam reascender a guerra civil entre o Norte e o Sul.

A Operação Força Aliada

A terceira e final analogia é a operação *Allied Force* que, para muitos, foi a campanha aérea mais bem sucedida em toda a história. Em reação à perseguição violenta de Albaneses em Kosovo, a OTAN iniciou a operação aérea para coagir Milosevic a aceitar os termos das negociações fracassadas em Rambouillet. Os termos foram: "Saem os Sérvios. Entra a OTAN; os refugiados regressam à terra natal; o cessar-fogo entra em vigência; e, inicia-se o compromisso de trabalho em prol da paz."[87] A operação durou muito mais tempo do que se esperava e as aeronaves da OTAN foram incapazes de por fim à campanha de saneamento étnico dos Sérvios. Ainda assim, após 78 dias de ataque aéreo, Milosevic sucumbiu às demandas da OTAN. Finalmente, o sucesso. Os ataques aéreos demonstraram a capacidade de ameaçar a base de poder do regime Milosevic. Os Sérvios não conseguiram infligir grande dano aos Estados Unidos e Aliados. O conflito de Kosovo é analogia que possui apelo aos proponentes de intervenção militar em Darfur, porque os Estados Unidos lideraram a operação para "confrontar uma crise menos humanitária" contra "um adversário mais formidável" e "nem um só Americano morreu em combate".[88] A suposição essencial é que é possível que a potência aérea norte-americana venha a extrair concessões de regime autoritário a baixo custo e sem grande comprometimento de forças de superfície.

Duas distinções importantes entre as crises de Kosovo e Darfur tornam imperfeita essa suposição: a fonte de renda para o regime de al-Bashir é a indústria petrolífera, não a economia industrializada: e, o interesse internacional em reservas petrolíferas do Sudão torna difícil isolar e coagir o regime.

As Diferenças em Base de Poder

A fim de manter a ordem sob ataque aéreo e adversidade econômica, regimes ditatoriais frequentemente usam a mídia e esquadrões

http://www.airpower.maxwell.af.mil/home.htm Contactar o Editor

policiais tirânicos, bem como forças de segurança para manter a ordem. A liderança da Sérvia não foi exceção, durante a operação *Allied Force.* Milosevic fez uso da máquina política, mídia e forças de segurança para atiçar fogo ao nacionalismo, eliminando a mídia independente e colocando líderes militares dissidentes sob prisão domiciliar.[89]

A força motriz da base de poder e a influência de Milosevic eram a economia industrial, especialmente vulneráveis a ataque aéreo sistemático por uma força aérea moderna.[90] Em virtude da guerra, a sociedade economicamente avançada sofreu anos de sanções econômicas. Os prospectos de reconstrução eram parcos, devido ao isolamento internacional. Após a reunião de cúpula da OTAN em Washington, onde os líderes da organização celebraram o 50º aniversário e renovaram a resolução de ganhar a guerra em Kosovo, a OTAN expandiu a estratégia de coerção e fez da base de poder de Milosevic seu alvo.[91] Ao final de abril de 1999, os ataques aéreos dividiram ao meio a economia da Sérvia. Em 28 de maio, 80 por cento da população ficou sem energia elétrica, devido a destruição de usinas elétricas nas três maiores cidades.[92] A disposição da OTAN em escalar o conflito e severamente ameaçar a economia industrial desempenhou função importante na coerção de Milosevic e o sucesso da operação *Allied Force.*

O Partido do Congresso Nacional de al-Bashir e elites do norte também utilizam extensa organização de partido, serviço civil nacional politizado e centenas de milhares de agentes e informantes para manter a segurança e o poder. Uma burocracia de mais de dois milhões de sudaneses controla as operações cotidianas da nação. Porém, ao contrário de Milosevic em 1999, o regime de al-Bashir usa bilhões de dólares em renda de petróleo para manter e influenciar o eleitorado elite.[93] Os cinco bilhões de barris em reservas comprovadas e o potencial para muito mais também isolam o país de repressões econômicas internacionais.[94] Apesar de severas sanções unilaterais pelos Estados Unidos, a economia do Sudão cresce a quase 10 por cento ao ano.[95] Desde 1998, o enfoque de al-Bashir é o desenvolvimento da riqueza petrolífera. Seu ponto de vista fez com que o regime alcançasse o objetivo principal, *i.e.*, manter o poder. Confortavelmente instalado em verdadeira fortuna, encarando indiciamento no estrangeiro e represália doméstica, está "preparado a matar quem quer que seja, sofrer enormes baixas civis e violar todas as normas de direitos humanos internacionais para permanecer no poder".[96] A menos que os ataques ocorram juntamente com um embargo de petróleo, apoiado pela comunidade internacional, será extremamente difícil coagir o governo com o emprego de potência aérea, porque ataques aéreos e zonas de voo interditado pouco fazem para ameaçar seu recurso natural mais valioso.

As Diferenças em Isolamento Político

Além de vulnerabilidade econômica, o isolamento político impediu Molosevic e seu regime de executar estratégia eficaz para combater a coerção exercida pela OTAN durante a operação *Allied Force.* Apesar da fragmentação da Iugoslávia, a guerra da Bósnia e anos de sanções econômicas, Milosevic provavelmente esperava que o sofrimento da Sérvia despertaria a simpatia da Rússia, um país eslavo e ortodoxo amigo. Para sua consternação, o Presidente Boris Yeltsin nunca deu a ele mais que apoio verbal durante a guerra. Isso, devido a vários motivos. Pessoalmente, Yeltsin e outras autoridades russas não gostavam de Milosevic. Estavam cansados de suas promessas que nunca cumpria. Tampouco perdoaram o fato de que havia apoiado o golpe de l991 contra Yeltsin e o Presidente Mikhail Gorbachev.[97]

A reputação e a economia da Rússia também estavam muito frágeis para arriscar imperfeita confrontação dispendiosa com o Ocidente ou fornecer mísseis avançados de defesa anti-aérea à Sérvia para "massacrar" as aeronaves da OTAN.[98] Tanto Yeltsin quanto Milosevic esperavam que a coalizão da OTAN seria fragmentada, à medida que a guerra prosseguia. Entretanto, a resolução da OTAN solidificou-se ainda mais, aludindo-se, até mesmo à sua expansão. Após três semanas de

guerra aérea, Yeltsin nomeou Viktor Chernomyrdin, ex-*premier*, com fortes vínculos com os Estados Unidos a negociar um fim da guerra. Tampouco a ele Milosevic caía bem. Após negociar o plano de paz com o G-7, Chernomyrdin foi a Belgrado e comunicou friamente a Milosevic que devia aceitar a proposta ou os ataques aéreos iriam aumentar.[99] A potência cada vez maior da OTAN e sua habilidade de atacar a Sérvia com impunidade forçou o único aliado de Milosevic a atuar como terceiro coercitivo em nome da OTAN. O abandono da Rússia e o isolamento da Sérvia do restante da comunidade internacional foram essenciais para que Milosevic aceitasse as demandas do G-7.

Al-Bashir possui vínculos mais fortes com a comunidade internacional, principalmente devido a extenso investimento estrangeiro no setor petrolífero e o potencial de bilhões de dólares em outros. Apesar de grandes sanções econômicas pelos Estados Unidos, inúmeros países investem no Sudão, inclusive países árabes e vários aliados norte-americanos. A França, Jordânia, os Países Baixos, a Arábia Saudita, a África do Sul, a Suécia, os Emirados Árabes e o Reino Unido, todos possuem interesse em capital de contrapartida referente aos blocos de petróleo no Sudão.[100] A Índia e a Malásia também investem abundantemente no país. Mas, seu parceiro político e diplomático mais poderoso é a China. O Sudão foi a quarta nação africana a reconhecer a República Popular da China em 1959. Levam-se bem desde então e, em 1994, al-Bashir convidou companhias chinesas a desenvolver o setor petrolífero, à época latente.[101] A China aceitou a oferta e fomentou a relação para o benefício mútuo de ambos os países. A China usou o Sudão como ponto de partida para investimentos em toda a África. O Sudão rapidamente desenvolveu a indústria petrolífera e usou a renda para fortalecer a segurança da nação e adquirir armas. O investimento de *US* $8 bilhões em oleoduto, refinarias e infraestrutura básica pela China é grande incentivo para apoiar um governo sudanês forte e estável. Aquele país usa sua posição no Conselho de Segurança da ONU para mitigar as iniciativas que poderiam enfraquecer o regime de al-Bashir, mantendo a filosofia de Beijing de não-interferência em assuntos domésticos de nações soberanas.[102]

A falta de concatenação entre retórica e imposição de resoluções da ONU após as atrocidades de Darfur colocam em relevo a dificuldade de uso de sanções econômicas e isolamento político como instrumentos para causar a erosão da base de poder de al-Bashir.

A primeira resolução da ONU redigida especificamente para Darfur é a de número 1556 de 30 de julho de 2004, requerendo que o governo sudanês desarme a *janjawiid* dentro de 30 dias. O único mecanismo de imposição na resolução foi o estabelecimento de embargo de armas para a região de Darfur. Não contra o Sudão em si. Pouco mudou em março de 2005, quando o Conselho de Segurança passou a Resolução 1591, que impõe proibição de viagem a quatro antagonistas em ambos os lados do conflito, mas não condena ou expande as sanções ao governo sudanês ou à indústria petrolífera.[103] A China, Rússia e a Liga Árabe opuseram-se à proposta de claúsulas mais fortes, devido a auto-interesse econômico e ceticismo para com os argumentos humanitários de que os Estados Unidos e outros podiam usar para ultrapassar os limites da soberania nacional.[104] A menos que a situação humanitária e de segurança mude drasticamente, os Estados Unidos irão perceber que será difícil aplicar medidas coercitivas contra o regime de al-Bashir, especialmente por que a comunidade internacional não esteve disposta a condenar o governo sudanês imediamente após as atrocidades em Darfur alcançarem o ponto máximo.

As Inferências das Diretrizes para Darfur

As operações *Provide Comfort*, *Deny Flight*, e *Allied Force* são analogias de grande apelo aos proponentes de intervenção humanitária em Darfur, porque tais campanhas colocam em destaque o sofrimento de refugiados e a coerção bem sucedida de ditador malevolente com potência aérea predominante. Contudo, é imprudente usar essas operações como fer-

ramentas analíticas para determinar a iniciativa política requerida para uma reação humanitária naquela região. A ampla esfera de protagonistas, interesses justapostos, relativa baixa prioridade da crise e o panorama geopolítico desfavorável tornam difícil gerar o consenso internacional necessário para intervenção militar legítima. Diversas nações influentes, inclusive a China, investem grandes quantias na indústria petrolífera da região e preferem um governo sudanês forte e estável para assegurar lucros razoáveis para seus investimentos. Será mais difícil compelir uma China, poderosa de 2010, a dar as costas ao seu portal no continente africano do que foi convencer a Rússia, comparativamente mais frágil em 1999, a descartar Milosevic. A hipocrisia da intervenção norte-americana no Iraque e subsequente super-extensão no Oriente Médio também compeliram potências menores e a Liga Árabe a opor o ativismo internacional e o abuso da "responsabilidade em proteger", a fim de justificar as intervenções".[105] Ainda assim, outros estão opostos à soluções militares à crise, devido ao potencial de dano ao processo de paz entre o Norte e o Sul e a ameaça às operações de assistência humanitária. Em virtude de condições internas e externas, os Estados Unidos serão forçados a despender quantias consideráveis de capital político, muito mais do que na década de 90, para conseguir a aprovação à intervenção humanitária com o uso de forças armadas da ONU ou até mesmo da OTAN.

Teoricamente, os Estados Unidos podem agir de forma unilateral e esperar que grande parte da comunidade internacional abençoe a operação retroativamente, como em Kosovo. Talvez o Presidente Obama e o Secretário de Estado acreditem que uma zona de voo interditado de verdade é mais que suficiente, pois nada mais é bastante benigno para resistir à crítica internacional e ainda assim impressionante o suficiente para evitar que o governo sudanês e seus intermediários aterrorizem os vilarejos de Darfur.[106]

Pequena demonstração de potência aérea americana compeliu as forças de segurança iraquianas a abandonar Zakho no Kurdistão. Será que demonstração similar não funcionaria contra a *janjawiid* em Darfur?[107] O problema é que zona de voo interditado não seria motivo compulsório para forçar a *janjawiid* a desaparecer. As vantagens ofensivas que conseguimos ao lançar da traseira de avião de carga tambores de 50 galões repletos de explosivos, são relativamente pequenas, até mesmo contra povoados indefesos. É bem fácil para as tribos árabes da localidade, milícia e rebeldes de Tchad que compõem a *janjawiid* permanecerem onde se encontram com ou sem aeronaves americanas sobrevoando a área. A única alternativa que resta é também tornarem-se refugiados. Uma zona de voo interditado não impressiona o suficiente para convencer o pessoal a abandonar o que eles mesmos creem ser sua terra natal. Talvez essa zona, advogada pelo Presidente Obama, seja mais do que isso. Talvez ele tenciona seguir o conselho da embaixadora norte-americana às Nações Unidas e esparcir ataques aéreos em Kartum e bases aéreas, a fim de forçar o regime de al-Bashir a refrear a *janjawiid* desestabilizadora.[108] O problema é quem irá puxar as rédeas? O regime alistou a assistência da *janjawiid* em 2003 para liderar a campanha de contrainsurgência, porque não possuia forças armadas. Não há motivo para crer que agora a situação seja diferente. Talvez os que advogam amplo ataque aéreo acreditem que a devastação seria tão custosa que forçaria al-Bashir a despender maior esforço naquele sentido. Se esse for o caso, a esperança é infundada. A grande reserva de petróleo do Sudão continua sã e salva no subsolo. As operações aéreas dirigidas contra a *janjawiid*, quando pode ser encontrada, farão pouco para ameaçar o regime. Além disso, o indiciamento de al-Bashir por delitos contra a humanidade e tentativas iniciais para "mudança de regime" deixaram de assegurar ao presidente que o custo de capitulação é aceitável, não importa quão devastadores os ataques aéreos. A menos que os Estados Unidos estejam preparados a remover al-Bashir à bruta força, utilizando forças terrestres amigas ou agentes rebeldes, terão que oferecer ao presidente alternativa crível à capitulação para que a campanha aérea tenha sucesso.[109]

Além de perspectivas mínimas de êxito, o custo associado ao emprego de potência aérea

coercitiva em Darfur seria enorme. Os Sudaneses colocarão em execução contraestratégias, a fim de neutralizar as ameaças e criar problemas para os Estados Unidos e forças opostas.[110] A presença de milhares de trabalhadores humanitários, dois milhões de pessoas deslocadas, paz precária com o Sudão do Sul e vínculos econômicos extensos com a China oferecem ao Sudão excelente dissuasão. Caso venha a falhar a dissuasão, o regime possui inúmeros meios de criar pandemônio e ameaçar a eficácia e o apoio domésticos para a intervenção. A recém expulsão de organizações de assistência que proporcionam 40 por cento do auxílio humanitário em Darfur e a falta de reação das Nações Unidas são exemplos.[111]

A disposição para reciclar as estratégias de potência aérea em Darfur e a implementação de contraestratégias pelo regime de al-Bashir podem fazer com que o Sudão saia fora de controle, colocando a administração de Obama em posição de não causar inveja, tendo que explicar ao público americano como um punhado de boas intenções levou à catástrofe tão grande.[112]

Em vez de arriscar a escalagem e o desastre para reconciliar injustiças passadas, a estratégia americana no Sudão deve manter o enfoque no futuro. De acordo com o Acordo de Paz Compreensivo *[Comprehensive Peace Agreement]* de 2005, o Sudão realizará eleições com a participação de partidos múltiplos em 2009 e um referendo em 2011 para determinar se haverá a secessão do Sudão do Sul. Se ocorrer a separação do Sudão do resto do país, o resultado provável será que o Sudão Setentrional perderá 80 por cento das reservas de petróleo já confirmadas, ameaça muito mais crível a al-Bashir do que ataques aéreos.[113] O bloqueio do voto pela independência do Sudão Meridional, contestando os resultados da eleição ou suspendendo as rendas de petróleo equivale à declaração de guerra. A subsequente carnificina irá superar a do conflito em Darfur. Os Estados Unidos devem proporcionar incentivos positivos e garantias de que as eleições de 2011 serão para o benefício do governo sudanês. Um passo na direção certa seria permitir que a China passasse uma resolução do Conselho de Segurança para deferir o indiciamento de al-Bashir. É contraproducente e seu efeito é mínimo em dissuadir ambos os lados do conflito em colocar em execução operações que pensam necessárias à sobrevivência.[114]

Os Estados Unidos também podem compensar a perda em rendas antecipadas pela secessão do Sudão do Sul, rescindindo sanções, permitindo que o Sudão tenha acesso à tecnologia para o refinamento de petróleo e facilitando sua própria exploração de recursos petrolíficos no Mar Vermelho.[115] O impacto será muito maior se incrementarmos incentivos positivos para implementar o *CPA,* removendo o Sudão da lista de nações que apoiam o terrorismo. Isso amenizará as atrocidades em Darfur, o que zona de voo interditado alguma poderá fazer.

Conclusão

A comunidade internacional nunca deve esquecer os eventos trágicos de Darfur. Contudo, a administração de Obama não pode deixar que atrocidades passadas e analogias históricas persuasivas ofusquem o discernimento acerca da eficácia da potência aérea no Sudão. As operações *Provide Comfort, Deliberate Force* e *Allied Force* foram muito bem sucedidas para forçar Saddam e Milosevic a sucumbir à pressão da potência aérea norte-americana, mas as condições internas e externas aos conflitos foram vitais ao sucesso. Com a Rússia em declínio e a OTAN em expansão, as condições eram favoráveis aos Estados Unidos e Aliados para exercer pressão em Saddam, Milosevic e Aliados. Atualmente, o aliado político sudanês, a China, está em ascenção, enquanto as forças militares norte americanas estão em atividade, levando a cabo duas ocupações em grande escala, no Iraque e Afeganistão. Apesar das proclamações de campanha do Presidente Obama e a nomeação do General J. Scott Gration como emissário especial ao Sudão, a administração vai notar que gerar o impulso político e consenso necessários à intervenção militar legítima será enorme empreendimento.[116]

Mesmo sem o consenso internacional, duvída-se que uma zona de voo interditado ou ataques aéreos poderiam repetir os suces-

sos do Iraque Setentrional e da Sérvia em Darfur. A fonte de poder e influência de al-Bashir e seu extenso aparato governamental é o petróleo, recurso subterrâneo que resiste à potência aérea a longo prazo. Quando ameaçado, al-Bashir pode fazer uso da paz *ad-interim* da guerra civil, eleições vindouras e dois milhões de pessoas deslocadas, como dissuasão. A intervenção militar norte-americana e o fracasso da mesma podem precipitar outra guerra civil. Nas palavras de um diplomata africano: "Se o Norte e o Sul voltarem à guerra, abrir-se-ão as portas do inferno."[117] Simplesmente, o objetivo da potência aérea não é a imposição de acordos de paz. Os Estados Unidos, no que se refere a al-Bashir, não estão dispostos a, e nem se podem dar ao luxo de *brincar com fogo*. Outrossim, devem extender a al-Bashir garantias tangíveis de que a cooperação com a comunidade internacional resultará em sua sobrevivência, uma promessa que a potência aérea não pode cumprir. ❑

Notas

1. US Government Accountability Office (GAO), "Darfur Crisis: Death Estimates Demonstrate Severity of Crisis, but Their Accuracy and Credibility Could Be Enhanced," (Washington, DC: GAO, novembro 2006), www.gao.gov/new.items/d0724.pdf, 8, 17.

2. Bureau for Democracy, Conflict, and Humanitarian Assistance (BDHA), *Sudan—ComplexEmergency, Situation Report 8* (Washington, DC: US Agency for International Development, 27 janeiro 2006).

3. Katherine J. Almquist, *The Continuing Crisis in Darfur, Testimony before Senate Committee on Foreign Relations*, 23 abril 2008.

4. Human Rights Watch e Leslie Lefkow, *Darfur in Flames: Atrocities in Western Sudan* (New York: Human Rights Watch, 2004), 17; e Human Rights Watch, *Darfur Destroyed: Ethnic Cleansing by Government and Militia Forces in Western Sudan* (New York: Human Rights Watch, 2004), 24.

5. Jim Wallis, "Truth and Consequence," *Sojourners Magazine* 36, no. 8 (2007); e Alex de Waal, "The Humanitarian Carnival: A Celebrity Vogue," *World Affairs* 171, no. 2 (2008).

6. de Waal, "Humanitarian Carnival," 5; e Nações Unidas, "Dado Apoio Adequado, Destacamento Robusto da Força da União Africana-Nações Unidas Contribuiriam à Segurança em Darfur, Disse o Conselho de Segurança," *US Fed News Service, Including US State News* (2008).

7. Straus Scott, "Darfur and the Genocide Debate," *Foreign Affairs* 84, no. 1 (2005); e Robert G. Kaiser, "Iraq Aside, Nominees Have Like Views on Use of Force," *Washington Post*, 27 outubro 2008, A-4.

8. Susan E. Rice, Anthony Lake e Donald M. Payne, "We Saved Europeans. Why Not Africans?" *Washington Post*, 2 outubro 2006, A-19.

9. Robert Jervis, *Perception and Misperception in International Politics* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1976), 266.

10. Gérard Prunier, *Darfur: A 21st Century Genocide*, 3rd ed. (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2008), 96.

11. Ali Haggar, "The Origins and Organization of the Janjawiid in Darfur," in *War in Darfur and the Search for Peace*, ed. Alex de Waal (Cambridge, MA: Global Equity Initiative; Justice Africa, 2007), 70.

12. Prunier, *Darfur: A 21st Century Genocide*, 97.

13. Alex de Waal, "Darfur and the Failure of the Responsibility to Protect," *International Affairs* 83, no. 6 (2007): 1040.

14. Alex de Waal, "Darfur: Make or Break for the African Union," *Africa Analysis*, no. 453 (2004).

15. Prunier, *Darfur: A 21st Century Genocide*, 100.

16. BDHA, *Sudan—Complex Emergency*.

17. James Kurth, "Legal Ideals Versus Military Realities," *Orbis* 50, no. 1 (2006): 87; Prunier, *Darfur: A 21st Century Genocide*, 8; e de Waal, "Darfur and the Failure," 1043.

18. de Waal, "Darfur and the Failure," 1043.

19. Prunier, *Darfur: A 21st Century Genocide*, 1.

20. Após o governo sudanês expulsar 13 organizações de assistência humanitária da região, a Secretária de Estado, Hillary Rodham Clinton, disse: "Esta é uma situação horrenda que causará miséria e sofrimento sem fim ao povo de Darfur, particularmente aqueles nos campos de refugiados. A pergunta vital é que tipo de pressão pode-se exercer contra o Presidente Bashir e o governo em Kartum para que compreendam que serão os responsáveis por cada uma das mortes que ocorre nesses campos?" Peter Baker, "Adding Pressure to Sudan, Obama Will Tap Retired General as Special Envoy," *New York Times*, 18 March 2009; e Rice, Lake, e Payne, "We Saved Europeans."

21. In *Analogies at War*, Yuen Foong Khong examina como as autoridades competentes usam analogias para odenar, interpreter e simplificar opções políticas e alega que a psicologia de raciocínio analítico torna difícil, mas não impossível, o uso de analogias de maneira apropriada em assuntos estrangeiros. Khong observa que as autoridades competentes perseveram com lições analógicas incorretas, apesar de prova ao contrário, porque são incapazes de ignorar "as enormes similaridades." Yuen Foong Khong, A*nalogies at War: Korea, Munich, Dien Bien Phu, and the Vietnam Decisions of 1965* (Princeton, NJ: Princeton University Press, 1992), 13, 257.

22. Richard Neustadt e Ernest May propõe a técnica de "mini-métodos", a fim de separar o "conhecido" do "não claro", do "suposto", quando problemas contemporâneos forçam as autoridades competentes a fazer uso de vagas analogias para facilitar a análise em prol de ação. Esta história usa sua técnica, a fim de analisar as similaridades e distinções entre os recentes exemplos para fazer cumprir zonas de voo interditado e a crise em Darfur. Richard E. Neustadt e Ernest R. May, *Thinking in Time:*

The Uses of History for Decision-Makers (New York; London: Free Press; Collier Macmillan, 1986), 33, 273.

23. Daniel Byman e Stephen Van Evera, "Why They Fight: Hypotheses on the Causes of Contemporary Deadly Conflict," *Security Studies* 7, no. 3 (1998): 4.

24. Presidential Decision Directive 56 (Informe Oficial do Governo), *The Clinton Administration's Policy on Managing Complex Contingency Operations* (Washington, DC: White House, 1997).

25. Ibid.

26. Daniel Byman e Matthew C. Waxman, *The Dynamics of Coercion: American Foreign Policy and the Limits of Military Might*, RAND Studies in Policy Analysis (New York: Cambridge University Press, 2002), 1. O Capítulo 7 analisa as dificuldades em aplicarmos força militar durante intervenções humanitárias.

27. Prunier, *Darfur: A 21st Century Genocide*, 184.

28. Benjamin Miller, "The Logic of US Military Interventions in the Post-Cold-War Era," *Contemporary Security Policy* 19, no. 3 (1998): 73.

29. Patrick Paterson, "Darfur and Peacekeeping Operations in Africa," *Military Review* 88, no.4 (2008): 18; e "Xinhua: Chinese Follow-up Engineering Troop Arrives in Darfur," *World NewsConnection*, 18 julho 2008.

30. John Mueller, "The Banality of 'Ethnic War,' " *International Security* 25, no. 1 (2000):42–43.

31. Haggar, "Origins and Organization of the Janjawiid," 113–14.

32. Byman e Waxman, *Dynamics of Coercion*, 48. O Capítulo 3 descreve as cinco formas de mecanismos de coerção mais comuns.

33. Robert Anthony Pape, *Bombing to Win: Air Power and Coercion in War*, Cornell Studies in Security Affairs (Ithaca, NY: Cornell University Press, 1996), 69.

34. George D. Kramlinger, *Sustained Coercive Air Presence: Provide Comfort, Deny Flight, and the Future of Airpower in Peace Enforcement*, thesis for the School of Advanced Airpower Studies (Maxwell AFB, AL: Air University Press, 2001), 40–41.

35. Opheera McDoom, "Sudan Bombs Darfur School and Market, 13 Killed," *Reuters*, 5 maio 2008.

36. UNSCR 1591, 29 março 2005.

37. Byman e Waxman, *Dynamics of Coercion*, 59.

38. Kramlinger, *Sustained Coercive Air Presence*, 25.

39. Benjamin S. Lambeth et al., *NATO's Air War for Kosovo: A Strategic and Operational Assessment* (Santa Monica, CA: RAND, 2001), 70–71; e Daniel L. Byman and Matthew C. Waxman, "Kosovo and the Great Air Power Debate," *International Security* 24, no. 4 (2000): 19.

40. Rice, Lake e Payne, "We Saved Europeans."

41. Byman e Waxman, *Dynamics of Coercion*, 88. O Capítulo 4 descreve os ponto fortes e fracos de instrumentos coercivos.

42. Eliot A. Cohen, "The Mystique of U.S. Air Power," *Foreign Affairs* 73, no. 1 (1994): 109.

43. Rice, Lake e Payne, "We Saved Europeans."

44. Byman e Waxman, *Dynamics of Coercion*, 62.

45. Kenneth A. Rodman, "Darfur and the Limits of Legal Deterrence," *Human Rights Quarterly* 30, no. 3 (2008), 538.

46. UNSCR 1556, 30 julho 2004; e UNSCR 1591.

47. UNSCR 1672, 25 abril 2006.

48. Esta foi a primeira ordem de prisão emitida pelo tribunal contra um chefe de estado em poder. Marlise Simons e Neil MacFarquhar, "Warrant Issued for Sudanese Leader over Darfur War Crimes,"*New York Times*, 18 marco 2009.

49. Khong, *Analogies at War*, 12.

50. Thomas George Weiss, *Military-Civilian Interactions: Intervening in Humanitarian Crises*,New Millennium Books in International Studies (Lanham, MD: Rowman & Littlefield, 1999), 50.

51. Ibid., 54.

52. Maureen Dowd, "Bush, Scorning Offer, Suggests Iraqis Topple Hussein," *New York Times*, 15 fevereiro 1991.

53. Kramlinger, *Sustained Coercive Air Presence*, 20.

54. Weiss, *Military-Civilian Interactions*, 53, 60.

55. Andrew S. Natsios, "Beyond Darfur," *Foreign Affairs* 87, no. 3 (2008): 93.

56. Stephen J. Morrison, "Will Darfur Steal the Olympic Spotlight?" *Washington Quarterly* 31, no. 3 (2008).

57. BDHA, *Sudan—Complex Emergency*.

58. S. J. Laizer, *Martyrs, Traitors, and Patriots: Kurdistan after the Gulf War* (Atlantic Highlands, NJ: Zed Books, 1996), 25.

59. Jonathan Shimshoni, *Israel and Conventional Deterrence: Border Warfare from 1953 to 1970*, Cornell Studies in Security Affairs (Ithaca: Cornell University Press, 1988), 14.

60. Weiss, *Military-Civilian Interactions*, 54.

61. Kramlinger, *Sustained Coercive Air Presence*, 22, 23.

62. Weiss, *Military-Civilian Interactions*, 56.

63. UNSCR 1547, 11 junho 2004; e Paterson, "Darfur and Peacekeeping Operations in Africa," 17.

64. United Nations Department of Information, "If Given Adequate Support, Robust Deployment of African Union–United Nations Hybrid Force Could Contribute to Security in Darfur, Security Council Told," comunicado de imprensa, 28 outubro 2008.

65. Paterson, "Darfur and Peacekeeping Operations in Africa," 18.

66. UNSCR 757, 30 May 1992; UNSCR 781, 9 outubro 1992; e UNSCR 816, 31 março 1993.

67. Steven L. Burg and Paul Shoup,*The War in Bosnia-Herzegovina: Ethnic Conflict and International Intervention* (Armonk, NY: M. E. Sharpe, 1999), 129.

68. Ibid., 325.

69. Ibid., 327.

70. Rodman, "Darfur and the Limits of Legal Deterrence," 538.

71. Burg and Shoup, *War in Bosnia-Herzegovina*, 117, 3.

72. Byman and Waxman, *Dynamics of Coercion*, 82.

73. Mohamed Baraka Mohamed Nurain, "The Decline of Darfur," *Peace Review* 20, no. 2 (2008).

74. International Crisis Group, *Darfur Rising: Sudan's New Crisis*, Africa Report no. 76, 25 March 2004, 19.

75. Prunier, *Darfur: 21st Century Genocide*, 3, 4, 167.

76. Rodman, "Darfur and the Limits of Legal Deterrence," 549.

77. Marlise Simons and Neil MacFarquhar, "Sudan's Leader Scolds the West and Assails Aid Groups," *New York Times*, 6 março 2009.

78. Simons e MacFarquhar, "Warrant Issued for Sudanese Leader over Darfur War Crimes," *New York Times*, 5 março 2009.
79. Natsios, "Beyond Darfur."
80. Tim Judah, *Kosovo: War and Revenge* (New Haven, CT: Yale University Press, 2000), 124.
81. Burg and Shoup, *War in Bosnia-Herzegovina*, 327.
82. de Waal, "Darfur and the Failure," 1040.
83. Natsios, "Beyond Darfur," 83.
84. The Comprehensive Agreement between the Government of the Republic of the Sudan and the Sudan People's Liberation Movement/Sudan Peoples' Liberation Army, 26 maio 2004, 4, 8, 20,24, 54.
85. Natsios, "Beyond Darfur," 81.
86. Judah, *Kosovo: War and Revenge*, 124–25.
87. "Interview: General Wesley Clark," *Jane's Defense Weekly* (1999): 40.
88. Rice, Lake e Payne, "We Saved Europeans."
89. Byman and Waxman, "Kosovo and the Great Air Power Debate," 21.
90. Barry R. Posen, "The War for Kosovo: Serbia's Political-Military Strategy," *International Security* 24, no. 4 (2000): 73.
91. Lambeth et al., *NATO's Air War for Kosovo*, 38–39.
92. Steven Erlanger, "Production Cut in Half, Experts Say," *New York Times*, 30 abril 1999; e Lambeth et al., *NATO's Air War for Kosovo*, 42.
93. Natsios, "Beyond Darfur," 87.
94. Energy Information Administration, *Country Analysis Briefs: Sudan*, 2007.
95. European Coalition on Oil in Sudan et al., *Sudan's Oil Industry: Facts and Analysis*, abril 2008, www.ecosonline.org/back/pdf_reports/2008/dossier%20final%20groot%20web.pdf, 8.
96. Natsios, "Beyond Darfur," 82.
97. Judah, *Kosovo: War and Revenge*, 272.
98. Ibid.
99. Ibid., 278.
100. International Crisis Group, *China's Thirst for Oil*, Asia Report no. 153, 9 junho 2008, http://www.crisisgroup.org/home/index.cfm?id=5478&l=1, 24.
101. Daniel Large, "Sudan Issue Brief: Arms, Oil, and Darfur," in *Small Arms Survey* (Geneva, Switzerland: Human Security Baseline Assessment, 2007), 1.
102. International Crisis Group, *China's Thirst for Oil*, 21, 23.
103. Rodman, "Darfur and the Limits of Legal Deterrence," 547.
104. Ibid., 543.
105. Alex J. Bellamy, "Responsibility to Protect or Trojan Horse? The Crisis in Darfur and Humanitarian Intervention after Iraq," *Ethics & International Affairs* 19, no. 2 (2005): 33.
106. Em audiência de janeiro perante o Comitê de Relações Exteriores do Senado *[Senate Foreign Relations Committee]*, a Secretária Clinton disse que pode ser que a administração Obama fará cumprir uma zona de voo interditado em Darfur. Mark Landler, "Clinton Pledges Tough Diplomacy and a Fast Start," *New York Times*, 14 janeiro 2009.
107. Kramlinger, *Sustained Coercive Air Presence*, 22.
108. Rice, Lake e Payne, "We Saved Europeans."
109. Thomas C. Schelling, *Arms and Influence* (New Haven, CT: Yale University Press, 1966), 74.
110. Byman and Waxman, *Dynamics of Coercion*, 194.
111. Neil MacFarquhar and Sharon Otterman, "U.N. Panel Deadlocks over Taking Any Action on Sudan," *New York Times*, 7 março 2009.
112. Natsios, "Beyond Darfur," 88.
113. Ibid., 90.
114. Rodman, "Darfur and the Limits of Legal Deterrence," 529.
115. Natsios, "Beyond Darfur," 88.
116. Baker, "Adding Pressure to Sudan."
117. Natsios, "Beyond Darfur", 82

O TenCel Timothy "Astro" Cullen (Bacharelado em Ciências pela Academia da Força Aérea dos Estados Unidos; Mestrado em Ciências pela Universidade de George Washington; Mestrado em Administração pela *Air Command and Staff College*; Mestrado em Administração pela Escola de Estudos Aeroespaciais Avançados *[Advanced Air and Space Studies[*) é estudante de doutorado na *Engineering Systems Division, Massachusetts Institute of Technology*. Piloto de *F-16*, cumpriu com 84 missões de combate em apoio às operações *Deliberate Force, Deliberate Guard, Allied Force, Northern Watch e Southern Watch*. Também foi destacado duas vezes ao Afeganistão durante a operação *Enduring Freedom* como Assistente Diretor de Operações para o 682º Esquadrão de Apoio Aéreo e coordenou o apoio de fogo para a *Task Force Dagger* durante a Operação Anaconda. Durante os anos com os caças *F-16* foi piloto instrutor para a Força Aérea do Egito e Comandante do *Peace Vector IV*, Base Aérea Gianaclis, Egito.

As opiniões expressas ou insinuadas nesta revista pertencem aos seus respectivos autores e não representam, necessariamente, as do Departamento de Defesa, da Força Aérea, da Universidade da Força Aérea ou de quaisquer outros órgãos ou departamentos do governo norte-americano.